

T0477

SIST. 55299

REY Cl. 256

03a0149-49

1. Reinaldo Moura
2. Meio de Semana
3. Correio do Povo
4. Três crônicas: Sartre, a morte e a metrópole
5. Porto Alegre
6. 3 de fevereiro de 1949
7. nº 105
8. seção - Arte e Literatura
9. bom
10. Amélia Ester
11. 5 de abril de 1994

MEIO DE SEMANA

(Especial para o "Correio do Povo")

Reinaldo Moura

Sartre existe no topo de uma pirâmide formada pelo material de muitos escritores. É sem dúvida uma vitória, mas também uma consequência, nessa herança obri-

gatório que todos os homens devem receber dos outros, do estilo de vida e do espírito dos outros. Cada um, que trabalhou e construiu para poder existir para os outros também, estará no cimo de uma pirâmide para o setor dos que o observam com fascinações. Para que Sartre existisse foi necessário existir naquela Paris tranquila, início do século em 914 com a guerra, fim de outono no mundo do espírito, aquele enfermo snobe e maravilhoso que foi Marcel Proust. Já ainda antes, para que Proust existisse... talvez fôsse preciso sondar camadas mais antigas, Saint Simon por exemplo, nas suas memórias e na sua ruptura com a usual arquitetura dos textos, da maneira de contar as histórias, do jeito de colher no esparsos limbo de muitas vidas cada atmosfera particular.

Sartre aponta John dos Passos, escritor norte-americano inovador da técnica literária,

um dos seus exemplos e modelos de experiência. Será outro, também, como outros devem existir, extintos na memória, impalpáveis mas verídicos em sua presença. Os homens continuam tecendo a trama eterna que procura dar expressão às suas visões particulares da vida e do mundo. Com conjunto, um jogo de reflexos, réplicas permanentes, giro inestancável da vida do espírito.

* * *

Sempre, durante a insônia, o pensamento indistinguível como um réptil ao longo do túnel da noite. Imóvel detinha-se na interminável análise, submerso na escuridão e desarticulado das formas e das cores em torno, insulado em si mesmo no despenhadeiro da involuntária sondagem. Com geral os homens não pensam seriamente, que devem mover a manobra, que isso até pode ser daqui a pouco, e muitas vezes de surpresa etc... por

isso a existência dos homens em geral é dominada pelas forças de superfície. Ele já se habituara a entrar num estado de distância das coisas a ponto de sentir o mundo numa realidade estranha ao seu universo pessoal. A sensação, que de resto precisava manter a custa de um certo esforço interior, era a de haver descido de outro plano, de pertencer a um mundo diferente, e quando mais plenamente se encontrava nesse estado, sentia a realidade como se visse através de um aparelho inverossímil que lhe revelasse seu esqueleto, a esponjosa radioscopia da estrutura das coisas. Era também uma experiência íntima de sentir a vida pelo avesso, e nesse caso supunha encontrar-se num terreno intermediário entre a realidade possível do cotidiano, que de certa maneira, ainda podia sentir nublada apenas pela inexistente distância e o outro lado das coisas.

encenadas irresistivelmente no
escorregar rigoroso do tempo. Assim,
a proximidade dos umbrais da
morte já não o assustava, em-
bora soubesse que, chegado o ins-
tante de atravessá-los, a parte
irracional de seu ser miraria
desesperadamente, tomada de pã-
nico carnal.

* * *

O homem silencioso pensou
num microfone (estava se trans-
portando a uma tarde remota
numa aula de ciências do gi-
násio). O rumor das formigas
caminhando, mínimas, sobre a
pequena plataforma do micro-
fone. Ampliando. A revelação
ponora de um mundo próximo
mas desconhecido, fora dos do-
mínios usuais da imagina-
ção. Ampliado, longo rumor de
vida. Outra significação, ines-
perada. Os monstros do impen-
sável.

Havia colado o ouvido
à extremidade daquêle funil
enorme que captava os rumo-
res da rua. Era um alto-
falante? Mas ali no terceiro
andar do edifício, naquêlo

sala vazia, para que? Colava o
"ouvido" e sentia, tão diferente
a presença de todas as vozes
na rua tumultuosa. Sempre
vozes que se destacavam mais
altas, mais próximas, mas in-
discerníveis, apenas frases
truncadas, palavras que pare-
ciam diferentes, o fundo era
o rumor tumultuoso e uni-
forme de um mar, a da in-
cessante da multidão passan-
do num murmúrio eterno co-
mo uma resaca. As formigas
humanas anônimas como as
formigas passando eterna-
mente, gerações no canal da
rua para sempre. Metrópole.

1. Reinaldo Mouro
2. A Outra Face T-478
3. Correio do Povo
4. crônicas sobre a morte
5. Porto Alegre
6. 10 de fevereiro de 1949
7. n.º 111
8. seção - Arte e Literatura
9. bom
10. Duélia Ester
11. 5 de abril de 1994